

# JUVENTUDE, EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E PERSPECTIVAS DE FUTURO

YOUTH, EDUCATION, VIOLENCE  
AND FUTURE PERSPECTIVES

A temática objeto de reflexão dos diferentes artigos que compõem o presente dossiê, *Juventude, educação, violência e perspectivas de futuro*, tem mobilizado diferentes setores da sociedade no sentido de pensar a respeito de alternativas que contemplem as angústias e expectativas de jovens e adolescentes de diferentes classes sociais, mas principalmente daqueles desprovidos de oportunidades de inserção social e profissional.

O contexto de incertezas que acompanha o cotidiano de jovens e adolescentes, tendo em vista as questões econômicas, sociais e psicológicas características da sociedade atual como apontam diferentes autores nacionais e internacionais (CASTEL, 1997; SALES; ADAM; FONSECA, 2014; ZALUAR, 1997), obriga-nos a refletir a partir de diferentes perspectivas, a fim de entendermos os jovens e de buscarmos respostas e caminhos para auxiliá-los nessa trajetória de pensar o futuro a partir das condições concretas de vida, como apontam autores como Sposito (2017) e Feixa & Lecardi(2010). Questões como conflitos, violências e injustiças que atravessam o cotidiano escolar e social dos jovens têm interferido nos processos de subjetivação e constituição identitária, bem como nas possibilidades de inserção social e profissional diante da precarização da formação e do trabalho, do individualismo, da mudança rápida da tecnologia e da dificuldade concreta de realizar um projeto de vida e profissional. Nesse contexto, a pergunta que perpassa todos os textos e é em que medida o processo educacional, suas políticas e diferentes espaços e propostas podem dar resposta a essas inquietações.

Nesse sentido, os artigos apresentados buscam refletir sobre tais inquietações, trazendo diferentes abordagens e desvelando aspectos relacionados a imaginários, identidades, teorias e práticas sobre a juventude e o seu modo de se constituir e estar na sociedade, bem como as perspectivas possíveis e as limitações para inserção social e profissional no quadro da sociedade atual.

Assim, primeiramente, são apresentados os artigos que se propõem a analisar e discutir o modo como a juventude tem sido conceituada nos documentos oficiais e nas relações cotidianas das escolas. Tais artigos apresentam como esses jovens, de ambos os sexos, apreendem suas vivências, além dos modos como a educação e, mais especificamente, a instituição escola tem atuado.

A seguir, são apresentados os artigos que analisam e problematizam a expectativa de futuro para os jovens, em seu aspecto profissional e de convivência social, a partir das realidades concretas de vida, as quais muitas vezes são permeadas por relações violentas, sejam mediadas pelas redes sociais ou pela (im)possibilidade de um futuro planejado.

O primeiro artigo, de Maria Cecília Luiz, Nádia Perez Pino, Clarissa Bengtson e Douglas Pino, analisa o discurso da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEESP) sobre juventude, bem como o conceito de protagonismo juvenil nesse contexto. Ao analisar os discursos da SEESP sobre a juventude, o artigo destaca que a secretaria adotou, em princípio, novas práticas discursivas sobre os jovens, até então caracterizados pela situação de vulnerabilidade e de risco, com potencialidade para atos violentos. Assim sendo, na primeira seção do artigo, os autores sintetizam as atuais políticas da SEESP dentro do contexto das políticas educativas, apresentando as tendências e orientações da secretaria nos últimos anos, especialmente no que se refere aos programas direcionados aos jovens. Posteriormente, os autores discutem as ações da SEESP direcionadas ao protagonismo juvenil e seus diferentes programas, problematizando a ideia do novo a partir das próprias políticas da secretaria e buscando entender os intuítos democratizantes presentes nesse

discurso.

O segundo artigo, de Elisiane Spencer Quevedo Goethel, Caroline Polido e Débora Cristina Fonseca, tem como objetivo discutir a judicialização das relações escolares e os aspectos punitivos e educativos das ações tomadas pela escola. Para tanto, foram analisados processos judiciais de alunos do Ensino Fundamental II que tiveram sua origem por iniciativa da escola. Trata-se de uma pesquisa documental de análise qualitativa, na qual foi utilizada a análise de conteúdo como metodologia. O estudo aponta que as situações de violência ocorridas no âmbito da escola estão sendo direcionadas para o sistema de justiça na tentativa de que o conflito seja afastado e resolvido fora da escola.

O terceiro artigo, de Alice Miriam Happ Botler, tem por objetivo analisar a relação entre juventude e escola, com foco no sentimento de injustiça resultante de toda sorte de conflitos ali presentes. Com o intuito de melhor compreender essa relação, bem como de alertar para práticas sociais visando à redução das violências e demais conflitos nas escolas, o ensaio apresenta recorte de pesquisa qualitativa, trazendo estudos de casos com escolares de Brasil e Portugal, por meio dos quais a autora analisa concepções e reações de estudantes de Ensino Médio diante das tensões entre as demandas individuais e as sociais, com ênfase nos princípios de justiça. A pesquisa fundamenta-se teoricamente em conceitos como juventudes, democracia e justiça. Entre as considerações assumidas a partir dos dados apresentados, reforça-se a tese de que a escola é um lugar propício para resolver conflitos de maneira não violenta, por meio da sensibilização e da transformação, mas é destacado que parece haver um hiato para tal realização, pelo fato de que a fundamentação nos princípios básicos da justiça, como comunicação não violenta, empatia e respeito, tem encontrado entraves nas relações do cotidiano da escola.

O quarto artigo, de Liliâne Pereira de Souza, apresenta o resultado de uma pesquisa que discute o que jovens e adolescentes do Ensino Médio pensam, sentem e avaliam sobre violência e não violência, utilizando imagens e fotografias produzidas por eles. A pesquisa foi realizada na cidade de Campo Grande, capital do estado do Mato Grosso do Sul. Além da pesquisa bibliográfica, a autora utilizou metodologias como a História Oral e o *Photovoice*, além de Grupo Focal, entrevistas individuais e questionários. Para as análises, o método foi o mesmo usado por Roland Barthes no livro *A Câmara Clara*. As fotografias foram organizadas por eixos temáticos pelos jovens colaboradores da pesquisa, sendo elas as imagens mais significativas por eles escolhidas. O artigo apresenta, também, as análises narrativas das fotografias feitas durante as sessões de Grupo Focal. Os resultados mostraram a compreensão sobre as diversas manifestações de violências e os desafios enfrentados, bem como as sugestões e propostas para lidar com esse fenômeno.

O quinto artigo, de Concepción Fernández Villanueva e Joyce Mary Adam, aborda as diferenças de gênero na violência escolar a partir de uma perspectiva interacionista, que considera as posições de poder dos agressores e das vítimas, bem como os fatores que afetam as situações de conflito e os processos de explicação e representação dos atos de violência. O artigo se refere a um estudo que analisou incidentes de violência ocorridos em duas escolas da periferia de uma cidade do interior do estado de São Paulo, a partir de entrevistas em grupo com jovens escolares de ambos os sexos. Embora a pesquisa tenha encontrado protagonismos de violência tanto de meninas como de meninos, a conclusão foi que essas são menos protagonistas e mais vítimas que os meninos, além de que os argumentos explicativos da violência são semelhantes entre meninos e meninas, embora os homens destaquem a rivalidade contra a escola e as mulheres, a rivalidade interpessoal.

O sexto artigo, de Émile-Henry Riard, discute a questão do projeto de vida como forma de reorganização e construção identitária, constituindo resposta às inquietações dos jovens e adolescentes e trabalhando os aspectos vinculados tanto à realidade concreta quanto ao imaginário criado por eles. Destacam-se os projetos de vida e profissional como ferramentas para a construção da futura vida profissional e privada dos adolescentes, afirmando que tais projetos variam de acordo com o contexto social. Assim, o autor indaga sobre o lugar concreto e modo como esses se constituem nos diferentes contextos. Indaga-se ainda quanto participativos jovens e adolescentes são da construção do projeto de vida, bem como que espaço eles deixam para seus desejos, questionando o quanto os adolescentes podem expressar-se “livremente”, ser reduzidos a meros expectadores ou ignorados em benefício das demandas da sociedade. Outro questionamento que o autor apresenta refere-se a qual é o lugar da família, da escola e das associações nesse processo.

O sétimo artigo, de Luciano Plez de Melo e Leila Maria Ferreira Salles, discute a temática sobre juventude e escola, ao propor uma reflexão sobre juventude, escola e construção de projetos de vida. A referência para essa reflexão são os jovens moradores de periferias urbanas empobrecidas, pertencentes aos extratos sociais

mais desfavorecidos da população, e as escolas que frequentam. Em geral, são jovens cujo lugar que lhes é reservado é o subemprego ou de trabalhador temporário portador de uma escolarização considerada de baixa qualidade. Diante dessas suposições, os autores trazem uma indagação sobre o que tem possibilitado ou contribuído para que a escola perca uma de suas marcas identitárias: contribuir para a construção de projetos de vida ou de perspectiva de futuro. A hipótese levantada, sobre a qual os autores se pautam, é a discussão sobre o fato de o espaço escolar comutar-se e confundir-se, mesmo parcialmente, em rua ou em espaço de lazer, transformando-se em local de gozo ou de prazer, concomitantemente ao fato de os certificados escolares tenderem a perder seu valor, perdendo sua especificidade historicamente construída e impossibilitando ou dificultando a ação da escola como mediadora dos projetos de vida.

O oitavo artigo, de Tânia Maria Rechia Schroeder e Claudia Barcelos de Moura Abreu, apresenta reflexões sobre comentários de internautas a respeito de jovens e seus envolvimento com violência na cidade de Cascavel (PR). Trata-se de uma pesquisa etnográfica virtual cuja estratégia metodológica está ancorada nos fundamentos epistemológicos da sociologia do cotidiano de Michel Maffesoli em *Elogio da Razão Sensível* (1998), bem como no conceito de violência antropológica de René Girard em *A Violência e o Sagrado* (1990). Discutem-se o reforço dos estereótipos e a construção de um imaginário social a respeito de jovens que se expressa por meio de um sentimento de insegurança, como se representassem uma ameaça maior do que aquela que os dados estatísticos demonstram.

O conjunto das discussões presentes nos diferentes artigos contribui para que diferentes abordagens, sejam elas sociológicas, psicológicas ou históricas, debruçem-se sobre a complexa problemática da juventude, que, antes de ser um processo a ser considerado unicamente pela individualidade dos sujeitos, joga luz sobre a subjetividade construída a partir do contexto de vida e da perspectiva de futuro possível.

Joyce Mary Adam<sup>1,\*</sup>   
Débora Cristina Fonseca<sup>1</sup>   
Organizadoras

## REFERÊNCIAS

- CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à desfiliação. **Cadernos CRH**. UFBA, 10(26), 1997. Disponível em [portalseer.ufba.br](http://portalseer.ufba.br).
- FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, 25(2), p. 185-204, 2010. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003&lng=en&nrm=iso)
- SALLES, L.M.F.; ADAM, J.M.; FONSECA, D. Violência e inserção social do jovem de periferia urbana. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, 16(3), 58-68. 2014. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n3p58-68>
- SPOSITO, M.P.; TARABOLA, F.de S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, 22(71), e227146, 2017.
- ZALUAR, A. Exclusão e políticas públicas: Dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, 12(35), 1997.

1. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências – Departamento de Educação – Rio Claro (SP), Brasil. E-mails: [joyce.adam@unesp.br](mailto:joyce.adam@unesp.br), [debora.fonseca@unesp.br](mailto:debora.fonseca@unesp.br)

\*Autora correspondente: [joyce.adam@unesp.br](mailto:joyce.adam@unesp.br)

Comitê Editorial do Cedes/Coordenação deste número: Izabel Galvão e Maria Rosa Camargo

*Deixamos aqui nossa homenagem a Profa. Dra. Leila Maria Ferreira Salles, autora de um dos artigos, que faleceu durante a edição deste número do Cadernos do Cedes. A profa. Leila sempre teve em suas preocupações a temática da adolescência e juventude, violências e escola. Construiu uma consistente e profícua vida acadêmica e certamente deixa um legado sobre o tema, além de muitas saudades entre aqueles que tiveram a oportunidade e o privilégio de conviver com ela, principalmente os membros do grupo de pesquisa JOVEDUC e os colegas do Departamento de Educação da Unesp de Rio Claro. Uma colega muito querida e companheira de pesquisas.*